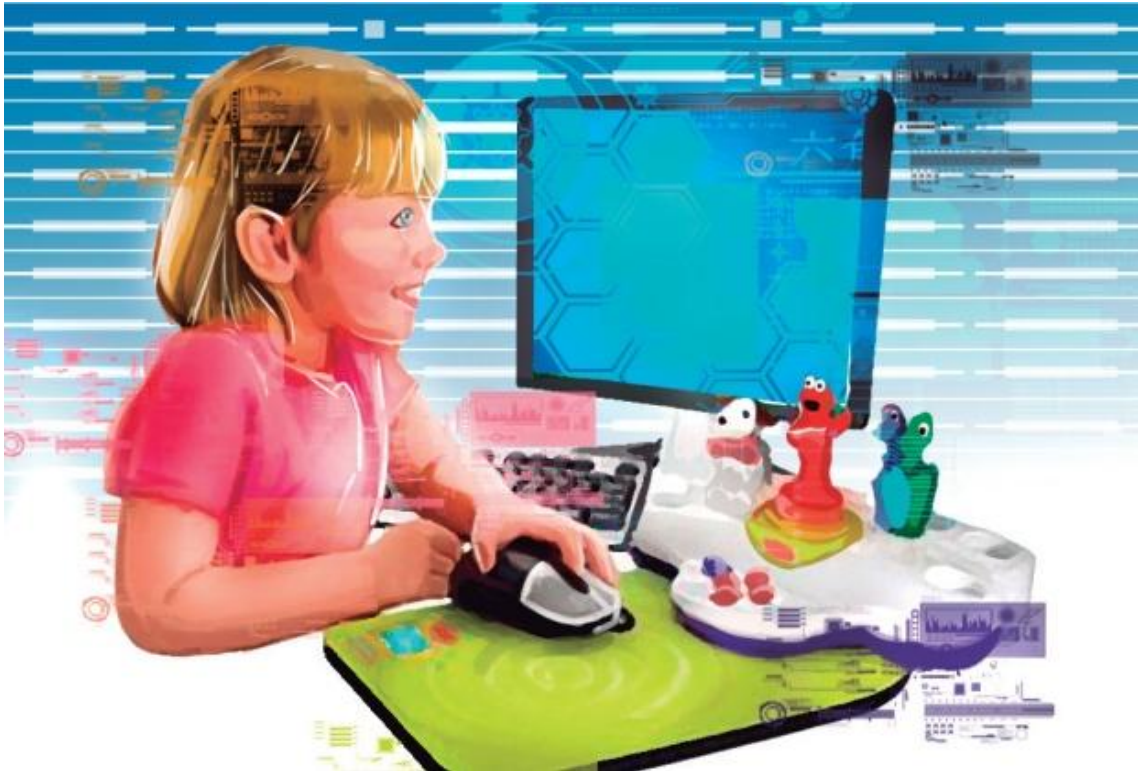


Crianças virtuais

Laura Medioli



Quando minha afilhada fez seis anos, resolvi dar a ela a sua primeira bicicleta – aquela que a gente nunca esquece. Pensei numa cor-de-rosa, de rodinhas e com cestinha na frente, que nem aquelas com que presenteei minhas filhas num longínquo Natal.

Bobagem! Descobri que a garotada de hoje, inclusive as meninas, já não liga mais pra isso. Cestinha? Que coisa mais “de garotinha!”, me diria, mesmo sendo uma delas.

E escuto de seu pai:

– Em vez de bicicleta, dê um DS.

– “D” o quê?

– Um Nintendo DS. Ela vai adorar!

– E que diabo é isso? – pergunto.

Minha filha entra na conversa, ou melhor, estica a conversa sobre o assunto. E eu, completamente leiga, peço para voltarem a falar português.

Na idade de minha afilhada, adorava ganhar panelinhas de alumínio do Mercado Central. Bichinhos de plástico que esparramava na terra ou nos lençóis da cama de meus pais. Pintinhos amarelinhos que, sob o calor de um abajur, via crescerem até virarem frangos, terminantemente proibidos de virar comida. Brinquedo para mim era cachorro, não de pelúcia, mas de verdade... E cobro do meu irmão, pai dela, as boas recordações que dividimos no passado.

– Mãe – interrompe a minha filha –, quanto mais cedo as crianças começarem a se familiarizar com a tecnologia, mais facilidades terão.

– Tudo bem – tento argumentar –, mas por que tão cedo? Por que passar horas na frente de um computador em vez de estar com os amigos brincando? E, em vez de ser precocemente racionais, combativas e cognitivas, não ser simplesmente crianças?

A conversa rendeu pano pra manga. Não que eu pretendesse que as novas gerações vivessem como a minha. Apenas questiono o momento certo para inseri-las no mundo virtual. Sei que as crianças de hoje são mais despertas para o que gira à sua volta. Bombardeadas por informações, são instigadas ao raciocínio rápido, à interatividade, ao discernimento e à noção de globalidade. Nem sequer precisam ler o manual de instruções para instalar uma televisão LCD Full HD e, em questão de minutos, nos explicar como funciona. E pensar que eu, ainda hoje, apanho do meu celular! Um iPhone modernoso, do qual desconheço a metade das funções.

Pois é, decidi que minha afilhada iria ganhar presente de criança. Cor-de-rosa, com cestinha na frente. E, no dia em que me mostrasse seus “esfolões” e machucadinhos, eu teria a certeza de que fiz a coisa certa, pois queria que ela, acima de tudo, fosse uma criança feliz!

Penso que, se as novas gerações ganham por um lado, por outro, perdem de goleada. Meninos de hoje não sabem o que é subir em pé de jabuticaba; não colecionam “esfolões” e

machucados para mostrar com orgulho a prova de suas façanhas; não têm ideia de como fazer e soltar papagaios; disparar a campainha do vizinho e sair correndo; colecionar tampinhas, caixinhas de fósforo e outras bobagens adoráveis.

Não é como hoje, em que aparelhos celulares e jogos eletrônicos tornam-se cada vez mais descartáveis, trocados em pouquíssimo tempo, pois a cada dia inventam algo melhor (e mais complicado). E a meninada, achando isso natural, deseja um novo, “que nem o do colega”, que grava, filma, tem internet, dá recados, fala do tempo, da cotação do dólar, da Bolsa, do escambau! Mesmo que isso não lhe sirva pra nada.

Na minha infância, não me lembro de ganhar muitos presentes. As coisas eram mais simples. De uma batata espetada por palitos fazíamos um porco, de uma casca de banana e giz rabiscado no chão, um jogo. Os bichos eram meus maiores regalos: pintinhos amarelinhos; marrecos desajeitados que faziam lambanças fenomenais; filhotes de qualquer coisa que me deixavam imensamente feliz...

E fico pensando nos pedidos dos meninos de hoje: computadores, videogames, celulares de última geração, tênis da marca tal... No lugar das ruas, encontram-se no mundo virtual, no qual já nascem sabendo tudo o que se refere à tecnologia.

Falo aqui de um universo que não pertence à maioria de nossas crianças – o universo consumista. Crianças acostumadas a pedir e receber de tudo, enquanto seus pais, perdidos, não sabem como administrar a situação. E volto à grande realidade de nosso país. Às crianças que nem sequer possuem uma estrutura familiar; que nunca ganharão um celular ou um videogame – nem sabem o que é isso. Crianças que herdaram o sapatinho do irmão mais velho, a camisa surrada, o livro escolar cheio de rasuras, a bola já desgastada e murcha...

A Semana das Crianças se aproxima, e a elas, portadoras dos mais puros sentimentos, dedico esta crônica, lembrando que aquele brinquedo ou livro há muito esquecido por seu filho poderá trazer alegria àquelas que nunca tiveram um.

Disponível em:

<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/laura-medioli/crian%C3%A7as-virtuais-1.726364>